

Factores de risco de abuso no relacionamento íntimo: Estudo de validação da versão portuguesa do questionário “Personal and Relationships Profile”

Carla Alexandra Paiva¹ & Bárbara Figueiredo²

O presente artigo trata do estudo das características psicométricas da versão portuguesa do questionário “Personal and Relationships Profile” (PRP, Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1999). Este instrumento destina-se a avaliar os principais factores relacionados com a ocorrência de abuso no relacionamento com o companheiro; integra 21 sub-escalas substantivas e uma sub-escala de desajabilidade social.

Foram participantes 551 estudantes universitários (60.3% do sexo feminino), na sua maioria com idades compreendidas entre os 19 e os 25 anos e com uma relação do tipo namoro.

O questionário apresenta elevada consistência interna ($\alpha=.90$), e as sub-escalas têm valores de *alpha* de Cronbach compreendidos entre .50 e .84. Confirma-se também a validade externa dado que um elevado número de sub-escalas do PRP, se encontra significativamente correlacionado com a escala de abuso físico sem sequelas (CTS2).

Os resultados obtidos confirmam a validade da versão portuguesa do questionário PRP, possibilitando a investigadores e práticos no âmbito das relações maritais um instrumento de *screening* para sinalização, aprofundamento e orientação das linhas de acção específicas no tratamento e/ou investigação dos principais factores associados à violência conjugal.

PALAVRAS-CHAVE: validação; Personal and Relationships Profile; versão portuguesa.

¹ Licenciada em Psicologia e Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia no Departamento de Psicologia da Universidade do Minho. e-mail: cpaiva@iep.uminho.pt

² Professora Associada no Departamento de Psicologia da Universidade do Minho. e-mail: bbfi@iep.uminho.pt

Este trabalho foi desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/6943/2001). Agradecimentos: A todos os participantes neste estudo.

Introdução

A investigação dos factores associados ao abuso no relacionamento íntimo tem sido alvo de um crescente interesse. Porém a literatura sobre o tema não é consensual, pois se alguns autores defendem a importância dos factores de ordem intra-psíquica e individual, como a depressão e a história criminal, outros referem como mais salientes as características de nível interpessoal e relacional, como o domínio e os problemas de comunicação na díade.

Se inicialmente os relatos psiquiátricos enfatizavam a existência de perturbação psicopatológica, principalmente por parte das vítimas (Snell, Rosenwald, & Robey, 1964), tais relatos foram fortemente criticados e substituídos, nos anos 80, pelas análises da violência doméstica que apontam sobretudo variáveis relacionais, como o domínio e o conflito (Dobash & Dobash, 1979; Gelles, 1983; Pagelow, 1984; Straus & Gelles, 1990; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980; Yllo & Bogard, 1988). Muitos autores rejeitaram explicitamente a componente intra-psíquica pelo menos na explicação da perpetração do abuso sobre o companheiro. A hipótese de que as variáveis interpessoais têm mais peso do que as intra-psíquicas na etiologia do abuso ao companheiro teve durante algum tempo elevada aceitação entre os estudiosos da violência no relacionamento íntimo.

Mais recentemente a primazia das variáveis sociológicas tem também sido desafiada. Numerosos autores concordam que as características de ordem individual são tanto, se não mais importantes quanto as sociais (e.g. Dutton, 1998; Gottman, Jacobson, Rushe, Shortt, Babcock, et al., 1995; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron & Stuart, 1999; O'Leary, 1993). Em contraste com o foco anterior nas vítimas existe presentemente uma atenção crescente na psicopatologia dos agressores (e.g., Holtzworth-Munroe et al., 1999; Dutton, 1998). Outros autores, continuam contudo a focar-se nas dimensões etiológicas de ordem social, e a disputa entre aqueles que defendem os mecanismos intra-psíquicos e os que advogam os mecanismos sociológicos está a receber considerável atenção na literatura (e.g. Bowker, 1993; Dutton, 1998; Renzetti, 1994; Stets, 1992; Straus, 1973; Walker, 1993; Yllo & Bogard, 1988,).

Racional teórico e empírico

O questionário *Personal and Relationships Profile* (PRP) destina-se ao despiste clínico e investigação do abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro. Comporta 21 dimensões substantivas identificadas enquanto factores de risco para a ocorrência de abuso. Como instrumento clínico, tem validade na identificação dos factores etiológicos a incluir em programas de tratamento de

agressores. No âmbito da investigação, tem aplicabilidade no estudo dos factores de risco associados ao abuso e pode também ser usado na avaliação dos efeitos dos programas de tratamento para agressores.

As dimensões avaliadas por este instrumento foram seleccionadas com base numa revisão da investigação que correlaciona o abuso no relacionamento íntimo com as teorias explicativas da etiologia do fenómeno (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman 1999). As teorias psicológicas da etiologia do abuso no casal focalizam-se nas características do agressor e nas características da vítima, enquanto que as teorias sociológicas se focalizam nas características da relação. Com base neste racional, o PRP foi construído para avaliar tanto factores de ordem individual ou características pessoais, como variáveis de ordem relacional.

Da definição de “factor de risco” apresentada pelos autores sobressaem três critérios gerais (Straus & Ramirez, 2001). Em primeiro lugar, o factor de risco deve covariar com o abuso ao companheiro. Em segundo lugar, a covariância não deve ser devida a fontes de erro, como erros de amostragem ou de medida. Em terceiro lugar, alterações nos níveis das características avaliadas devem preceder temporalmente alterações nas medidas de abuso (Kleinbaum, Kupper, & Morgestern, 1982).

O questionário PRP permite avaliar os seguintes factores de risco associados ao abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: indicadores acerca do próprio sujeito (nas escalas de personalidade anti-social, personalidade *borderline*, história criminal, depressão, hostilidade de género, história de negligência, PTSD, deseabilidade social, e integração social), e indicadores mais de ordem relacional que se referem a comportamentos e crenças acerca do companheiro (nas escalas de controlo da raiva, problemas de comunicação, conflito, domínio, ciúme, atribuição negativa, compromisso relacional, e mal-estar relacional).

Tanto o crescente número de programas de tratamento para agressores, principalmente nos EUA (por ordem do tribunal em substituição do regime penitenciário), como a maior atenção dos terapeutas à violência no seio da família, muitas vezes não relatada a menos que questionada (Aldorondo, & Straus, 1994), têm reclamado a necessidade de um instrumento de diagnóstico que auxilie a investigação e intervenção mais aprofundada nas situações de abuso, sugerindo possíveis factores etiológicos. Só dois instrumentos responderam a esta finalidade, e apenas de um modo limitado. A '*Propensity to Abusiveness Scale*' (PAS, Dutton, 1995), cuja maior limitação consiste na reduzida abrangência em termos dos factores etiológicos envolvidos no abuso (em particular carece de medidas de avaliação tanto intra-psíquicas como interpessoais ou relacionais). O '*Spouse Assault Risk Assessment Guide*' (SARA, Kropp & Hart, 1997), cuja principal limitação consiste no tempo necessário à recolha de informação e reduzida aplicabilidade. A

informação obtida pelo examinador advém de uma variedade de fontes, como entrevistas ao ofensor e à vítima, polícia e outros relatos de casos e avaliações psicológicas, cujo objectivo central reside em identificar mais ofensores de alto risco do que factores que identifiquem potenciais abusadores. Apesar de estes dois instrumentos providenciarem informações importantes no plano do tratamento e investigação etiológica, não foram desenhados para esse efeito, donde a necessidade de desenvolver uma medida de auto-relato que avaliasse o largo espectro de variáveis etiológicas envolvidas no abuso no contexto do relacionamento íntimo (Straus & Mouradian, 1999).

O PRP, fornece um perfil de resultados em 21 construtos associados com o abuso no relacionamento com o companheiro e responde à necessidade de um instrumento de 'screening' (Straus et al., 1999a).

Face a outros instrumentos o PRP tem como vantagens: (a) a sua brevidade contorna o problema da extensão das medidas e a sua aplicabilidade em diferentes *settings*; (b) a estandardização dos itens em todas as sub-escalas, reduz o tempo de administração através da uniformização das instruções; (c) os resultados de um respondente poderão ser agrupados sob a forma de um perfil único, permitindo ao examinador identificar rapidamente que característica(s) estão elevadas face à população normativa ou relativamente a outros itens.

Administrado conjuntamente com as '*Revised Conflict Tactics Scales*' (CTS2, Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996, Figueiredo & Paiva, 2006, Paiva & Figueiredo, 2006) faculta um exame mais detalhado de factores pessoais e relacionais que se associam à ocorrência de abuso no relacionamento íntimo, uma base mais completa para a compreensão do fenómeno e desenvolvimento de planos de tratamento mais específicos.

Obstáculos metodológicos

Acredita-se que a investigação e tratamento do abuso no contexto do relacionamento íntimo necessita considerar o "*apport*" de ambas as teorias supracitadas, das que consideram as características das pessoas envolvidas e das que consideram as características da relação entre elas. O PRP destina-se a tornar prática a avaliação das variáveis reflectidas por ambas as teorias, porque avalia tanto variáveis interpessoais como intra-psíquicas e é relativamente conciso (32 minutos), tendo em conta o elevado número de variáveis analisadas. Todavia, convém salientar que o PRP está destinado ao despiste diagnóstico e a fins de investigação e não a ser utilizado como instrumento preditor.

Em acréscimo à medida de construtos relevantes, um instrumento para uso em contexto forense deve também ter em conta a possibilidade de respostas defensivas, que minimizam comportamentos socialmente indesejáveis, nomeadamente aqueles que têm valência social negativa (e.g., abuso físico mulher-homem) e possíveis penalidades criminais (e.g. abuso físico agravado). Uma abordagem comum é a administração de uma medida separada para controlo desta possibilidade.

Recomenda-se que na análise dos resultados obtidos no PRP se atenda ao género, idade, história familiar e outras características demográficas do sujeito, mas também aos efeitos da resposta ao acaso e da desejabilidade social. Para esse efeito, o questionário incorpora a escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne na sua versão reduzida desenvolvida por Reynolds (1982). Em termos de validade e fidelidade, diga-se que o PRP foi aplicado quer em populações normativas (estudantes universitários) quer em ofensores, revelando boa consistência interna para a maioria das escalas (Straus & Mouradian, 1999).

Validade conceptual

A construção do PRP começou por uma análise teórica dos construtos a serem avaliados em cada sub-escala, no sentido de identificar as facetas ou domínios mais relevantes. Como parte deste processo foram revistas outras medidas existentes. Por exemplo, para a sub-escala de negligência, os autores realizaram uma revisão da literatura e identificaram 4 tipos de necessidades desenvolvimentais susceptíveis de ser negligenciadas: física, emocional, cognitiva e de supervisão/educacional (Straus et al., 1999a). O passo seguinte consistiu em construir sequências de itens que representassem cada um destes domínios. Para tal, os autores basearam-se quer nos instrumentos existentes, quer na sua prática clínica e experiência de investigação. Os itens foram posteriormente administrados a uma amostra de 400 estudantes universitários. A análise dos itens discriminados pela análise factorial permitiu decidir aqueles que seriam incluídos na presente versão do PRP, com base na elevação das correlações e na heterogeneidade das dimensões avaliadas.

Uma vez que a validação inicial da escala foi conduzida em amostras de estudantes universitários em relações de namoro, a sua sensibilidade ao abuso físico sem sequelas deveria ser considerada, porque da mesma forma que outros grupos de jovens, os estudantes revelam elevadas taxas deste tipo de abuso, variável entre 25 e 50% (Paiva & Figueiredo, 2004, 2005; Figueiredo & Paiva, 2006; Straus et al., 2002, 2004; Sugarman & Hotaling, 1989).

Nos EUA, a população universitária constitui uma percentagem bastante razoável da população jovem, pelo que um instrumento que possa ajudar a determinar

as taxas de abuso e os factores a esta associados em estudantes universitários, poderá ter valor intrínseco mesmo que não tenha outra aplicação. O conhecimento obtido a partir do uso do presente instrumento, poderá ser aplicado no desenvolvimento de programas para redução das interacções violentas em casais jovens, constituindo um degrau na prevenção secundária da violência marital *à posteriori*.

Contudo, uma possível limitação do recurso a estudantes universitários consiste em que existem provavelmente poucos casos com elevação na maioria dos *scores* patológicos avaliados pelo PRP e as instâncias abusivas severas serão igualmente reduzidas. Consequentemente, são necessários dados quanto à sensibilidade do PRP em amostras da comunidade e em amostras de ofensores.

Instrumento

Tradução, retroversão e análise semântica dos itens

O questionário PRP foi traduzido para a língua portuguesa por três especialistas na área da psicologia (dois portugueses e um brasileiro) e um especialista em língua inglesa que assegurou a sua retroversão. A sua equivalência semântica foi testada numa pequena amostra de estudantes universitários (N=12), no sentido de se observarem dúvidas na compreensão e conteúdo semântico das questões. O questionário foi ainda comparado com a versão brasileira e discutidas as principais divergências entre as duas versões, sendo a versão final o resultado da adopção de uma versão com equivalência semântica e cultural.

Administração e cotação

O questionário PRP é composto por 186 itens numa escala de resposta tipo *likert* com 4 opções: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) concordo, (4) concordo totalmente. O tempo de administração e resposta é em média de 30 minutos.

A versão do PRP que trata o presente artigo inclui 21 sub-escalas substantivas e uma sub-escala de desejabilidade social. As 21 sub-escalas avaliam construtos para os quais existe uma base teórica e empírica e se espera estarem associados com o abuso físico sem sequelas ao companheiro. Seguidamente apresentam-se as dimensões e sub-escalas do instrumento, assim como a forma de cotação das mesmas (tabela 1).

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões

ESCALAS PESSOAIS OU INTRAPSIQUICAS		
Dimensões	Item	Personalidade Anti-social (ASP)
Impulsividade/ quebra de regras	ASPo6	20. Muitas vezes, quebro propositadamente coisas que pertencem aos outros
	ASP10	84. Muitas vezes, faço coisas que são contra a lei
	ASPo4	103. Muitas vezes faço coisas que as outras pessoas consideram perigosas ASP01- 195. Arrependo-me quando magoo-o alguém
	ASPo9	162. Tenho dificuldade em cumprir as regras no trabalho ou escola
Desrespeito pelos outros	ASP01R	195. Arrependo-me quando magoo-o alguém*
	ASP03	159. Só trato mal as pessoas quando elas o merecem
	ASP07	61. Não penso acerca das consequências dos meus actos sobre as outras pessoas
Fraude	ASPo8	163. Muitas vezes, minto para conseguir o que quero
	ASP11	39. Minto para me fazer passar por uma pessoa melhor Personalidade Borderline (BOR)
Instabilidade	BOR10	97. Oscilo entre pensar que o meu companheiro(a) é perfeito ou é terrível
	BOR11	52. Os meus relacionamentos têm grandes altos e baixos
	BOR09	179. Mudo repentinamente entre ser um tipo, e outro tipo de pessoa
	BOR02	130. Tenho tido a ideia de me cortar ou queimar a mim próprio(a)
	BOR06	176. O meu humor está sempre a mudar
	BOR05	19. Muitas vezes, sinto um vazio
Comportamento Auto-destrutivo	BOR04	135. Muitas vezes, prejudico-me com as coisas que faço
	BOR07	22. Tenho feito quase tudo para impedir que as pessoas me abandonem
	BOR03	189. Tenho dito aos outros que me vou matar
	BOR02	130. Tenho tido a ideia de me cortar ou queimar a mim próprio(a) História criminal (CH)
Crime de propriedade	CH02	72. Antes dos meus 15 anos, roubei ou tentei roubar alguma coisa com valor igual ou superior a 50 euros
	CH08	192. Antes dos meus 15 anos, roubei dinheiro (de alguém, inclusive família)
	CH06	35. Desde os meus 15 anos, tenho roubado ou tentado roubar alguma coisa com valor igual ou superior a 50 euros
	CH14	43. Desde os meus 15 anos, tenho roubado dinheiro (de alguém, inclusive família)
Crime violento	CH15	186. Antes dos meus 15 anos, agredi fisicamente alguém com o propósito de o(a) magoar seriamente
	CH04	171. Antes dos meus 15 anos, agredi ou ameacei agredir os meus pais
	CH03	144. Desde os meus 15 anos, agredi fisicamente alguém com o propósito de o(a) magoar seriamente

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

	CH11	116.Desde os meus 15 anos, bati ou ameacei bater em alguém que não era da minha família
Dimensões alternativas	Início precoce	CH02+CH08+ CH15+ CH04
	Início tardio	CH06+ CH14+ CH03+ CH11
Sintomas depressivos (DEP)		
Sintomas depressivos	DEPo2R	42.Habitualmente, sinto-me bastante bem quando acordo*
	DEPo6	141.Estou tão triste, que às vezes me pergunto se vale a pena continuar a viver
	DEPo8	196. Tenho tido a ideia de me matar
	DEPo4R	78.Estou geralmente de bom humor *
	DEPo5R	85.Penso que me irão acontecer coisas boas no futuro*
	DEPo7	155.Sinto-me triste com muita frequência
	DEPo3R	47. Em geral, a minha vida está a correr bem*
	DEPo1R	40.Gosto do meu dia a dia*
Hostilidade de género para com homens e para com mulheres (GH)		
Hostilidade para com homens	GH09	126.Os homens são grosseiros
	GH03	46.Os homens tratam mal as mulheres
	GH04	54.Os homens irritam-me muito
	GH01	28.Os homens são mais desonestos do que as mulheres
	GH05R	57.Os homens respeitam as mulheres*
Hostilidade para com mulheres	GH10	157.As mulheres são grosseiras
	GH06	59.As mulheres tratam mal os homens
	GH08	119.As mulheres irritam-me muito
	GH02	37.Sinto-me muitas vezes ressentido com as mulheres
	GH07	100.Sou facilmente frustrado(a) pelas mulheres
Dimensões alternativas	Crenças negativas	GH10+GH06+ GH09+ GH03+ GH01+ GH05R
	Emoções negativas	GH08+GH02+ GH07+ GH04
História de negligência (NH)		
Cognitiva	NHo7R	177.Os meus pais ajudavam-me nos trabalhos de casa*
	NHo4	122.Os meus pais não me ajudaram a dar o meu melhor
Educativa	NHo1R	16.Os meus pais asseguravam-se que eu fosse à escola*
	NHo5	134.Os meus pais não se preocupavam se eu tivesse sarilhos na escola
Emocional	NHo8	183.Quando tive dificuldades os meus pais ajudaram-me
	NHo3	58.Os meus pais não me consolavam quando estava desanimada
Física	NHo6R	169.Os meus pais deram-me roupas suficientes para me agasalhar*
	NHo2	25.Os meus pais não me traziam limpa

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

		Sintomas de perturbação do stress pós-traumático (PTS)
Evitamento/ Activação	PTS10	188.Tenho estado apavorado(a) com as coisas que me têm acontecido
	PTS01	75.Evito fazer qualquer coisa que me lembre coisas horríveis que me aconteceram
	PTS03	96.Procuro constantemente sinais de perigo
	PTS09	112.Sou facilmente assustado(a)
Reexperien- ciação	PTS04	185.Estou sempre a lembrar-me das coisas horríveis que me aconteceram
	PTS06	201.Tenho pesadelos com as coisas horríveis que me aconteceram
	PTS05	41.Tento não pensar nas coisas horríveis que me aconteceram
	PTS08	145.Acontecerem-me coisas horríveis que me fazem sentir desamparado(a) e apavorado(a)
Integração social (SI)		
Compro- misso	SI06	82.Tenho objectivos na vida que tento alcançar
	SI03R	62.Desisto facilmente de projectos difíceis*
Crenças sobre o crime	SI04R	73.É correcto não cumprir a lei, desde que não se fique lesado*
	SI08R	99.Para ser bem sucedido(a), tenho feito algumas coisas que não são correctas*
Pares delinquentes	SI05R	81.Tenho estado com amigos que têm tido problemas com a justiça*
	SI07R	90.Tenho amigos que cometeram crimes*
Envolvi- mento	SI09	128.Vou à igreja, sinagoga ou mesquita uma ou mais vezes por mês
	SI02R	- 30.Raramente participo em actividades religiosas*
Rede de suporte familiar	SI01	27.Tenho familiares que me ajudariam se eu tivesse um problema
	SI10	153.Partilho as minhas ideias com um familiar
Abuso de substâncias (SUB)		
Abuso de álcool	SUB12	115. Algumas vezes bebo até me sentir mesmo alegre ou embriagado(a)
	SUB02	87.Quando bebo, geralmente ingiro 5 ou mais bebidas de uma vez
	SUB13	89.Por vezes bebo 5 ou mais bebidas de uma vez, mas apenas aos fins de semana
	SUB11	33.Algumas vezes, por ter bebido demais, não consigo lembrar-me do que aconteceu na noite anterior
Abuso de outras drogas	SUB06	131.No passado, consumi cocaína, crack, ou drogas duras (como estimulantes, heroína, e opiáceos) mais do que uma ou duas vezes
	SUB07	60.Preocupa-me que tenha um problema de droga

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

	SUB09	136. Tive uma "overdose", ou outro problema de saúde grave, por causa de consumir drogas para ficar pedrado
	SUB03	198. Estive em tratamento devido a um problema de droga
Dimensões alternativas	Abuso de substâncias	SUB02+ SUB13+ SUB06
	Déficit	SUB12+ SUB11+ SUB07+ SUB09+ SUB03
Condições stressoras (STR)		
Stressores externos	STR08	164. Tenho dificuldade em arranjar tempo para as minhas refeições
	STR11	150. As condições da minha habitação não são satisfatórias (e.g., muito barulho, degradada, mal ventilada, problemas com vizinhos)
	STR13	178. Os meus amigos pressionam-me a fazer coisas que não quero fazer
Problemas interpessoais	STR02	197. No trabalho ou na escola as pessoas não se dão bem comigo
	STR09	29. O meu companheiro pega comigo muitas vezes
	STR12	133. Fico atormentado(a) por ser quem sou
Auto-realização	STR01	111. As pessoas interrompem-me muitas vezes quando estou a tentar ter as coisas prontas
	STR06	120. Não tenho dinheiro suficiente para as minhas necessidades diárias
	STR14	64. Não gosto do meu trabalho ou das minhas aulas
História de abuso sexual (SAH)		
Por adulto	SAH02	94. Antes dos meus 18 anos, um adulto da minha família fez com que eu olhasse ou a tocasse nas suas partes íntimas (órgãos sexuais) ou olhou ou tocou nas minhas
	SAH06	142. Antes dos meus 18 anos, um adulto não da minha família fez com que eu olhasse ou tocasse nas suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou ou tocou nas minhas
	SAH12	53. Antes dos 18 anos, um adulto da minha família teve relações sexuais comigo (vaginal, anal, ou oral)
	SAH09	114. Antes dos meus 18 anos, um adulto não da minha família teve relações sexuais comigo (vaginal, anal ou oral)
Por criança da família	SAH05	71. Antes dos meus 18 anos, uma outra criança da minha família fez com que eu olhasse ou tocasse nas suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou ou tocou nas minhas
	SAH01	160. Antes dos meus 18 anos, outra criança da minha família fez-me coisas que agora penso que foram abuso sexual
Por criança fora da família	SAH08	137. Antes dos meus 18 anos, outra criança que não da minha família fez com que eu olhasse ou tocasse nas suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou ou tocou nas minhas
	SAH11	173. Antes dos meus 18 anos, outra criança não da minha família fez-me coisas que agora penso que foram abuso sexual
Aprovação da violência (VA)		
Violência familiar	VA02	175. Algumas vezes para disciplinar uma criança é necessário uma boa e forte palmada

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

	VA09	79. Existe pelo menos uma situação em que aprovaria que uma esposa esbofeteasse a face do marido
	VA10	98. Existe pelo menos uma situação em que consentiria que um marido esbofeteasse a face da esposa
	VA12	139. Por vezes é necessário que os pais dêem uma bofetada a um adolescente que resmungue ou que esteja metido em sarilhos
Violência masculina	VA03	91. Quando um rapaz está a crescer, é importante para ele que tenha algumas lutas de murros
	VA05	129. Um homem não deveria voltar as costas a uma luta física com outro homem
	VA14	48. Se um rapaz é agredido por outro deve agredi-lo também
Agressão sexual	VA01	26. Uma mulher que tenha sido violada provavelmente pediu para que isso lhe acontecesse
	VA11	86. Se uma esposa se recusa a ter relações sexuais, há alturas em que pode ser correcto obrigá-la
	VA13	65. No acto sexual, atingindo um certo ponto, um homem não consegue parar até que esteja satisfeito
		Socialização violenta (VS)
Família	VS01	105. Quando tinha menos de 12 anos, fui muito espancado(a) ou agredido(a) pela minha mãe ou pai
	VS02	70. Quando era adolescente, apathei muito da minha mãe ou pai
	VS04	93. Quando era criança, vi um membro da minha família, que não a minha mãe ou pai, a puxar, empurrar, esbofetear ou a atirar alguma coisa a alguém
	VS05	36. Quando era criança, vi a minha mãe ou pai, a dar pontapés, murros ou a bater com muita força no respectivo cônjuge
	VS13	74. O meu pai ou mãe disseram-me para bater quando alguém me batesse ou insultasse
Fora da família	VS03	77. Quando era criança, muitas vezes via crianças não da minha família a entrarem em lutas e a baterem uns nos outros
	VS10	44. Quando era criança, pessoas (adultos ou outras crianças) que não da minha família, puxaram-me, empurraram-me, esbofetearam-me, ou atiraram-me com coisas
	VS07	51. Quando era criança, pessoas (adultos ou crianças) que não da minha família disseram-me para bater, quando alguém me batesse ou insultasse
Dimensões alternativas	Aconselhada	VS13+ VS07
	Observada	VS04+ VS05+ VS03
	Vítima	VS01+ VS02+ VS10
ESCALAS RELACIONAIS		
		Controlo da raiva (AM)
Auto-controlo comportamental		23. Consigo acalmar-me quando estou zangada com o meu companheiro(a)

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

196	Reconhecimento dos sinais de raiva	92. Quando o meu companheiro(a) se mete comigo, não há nada que possa fazer para controlar as minhas emoções*
		124. Consigo fazer uma pausa no meio de uma discussão com o meu companheiro(a)
		106. Dou-me conta quando começo a ficar irritada(o) com o meu companheiro(a)
Auto-verbalizações	69. Geralmente, consigo dizer ao meu companheiro(a) quando eu estou para perder a paciência	
	38. Sobe-me o sangue à cabeça quando começo a ficar furiosa com o meu companheiro(a)*	
	168. Quando estou furiosa(o) com o meu companheiro(a), digo o que penso sem pensar nas consequências*	
Evitamento/contenção	24. Antes de ficar muito furiosa com o meu companheiro(a), penso sobre o que poderá acontecer se eu perder a calma	
	138. Quando me apercebo que vou ficar arreliada(o) com o meu companheiro(a), tento dizer para mim mesma(o), "acalma-te"	
	Problemas de comunicação (CP)	
Irreverência/falar por meias palavras	67. Não revelo ao meu companheiro(a) quando discordo de coisas importantes	
	34. Não consigo dizer coisas agradáveis ao meu companheiro, mesmo quando estou a pensá-las	
	147. Quando não compreendo o que o meu companheiro(a) quer dizer, peço-lhe mais explicações*	
Conflito	161. Quando o meu companheiro(a) quer conversar acerca dos nossos problemas, procuro evitar falar sobre eles	
	172. Digo coisas por meias palavras ao meu companheiro(a) que depois afirmo "estou só a brincar"	
	149. Quando temos problemas, culpo o(a) meu companheiro(a)	
	109. Quando o meu companheiro(a) diz coisas más acerca de mim, respondo-lhe na mesma moeda	
	45. Peço desculpa quando digo alguma coisa ao meu companheiro que não devia	
	Conflito (CON)	
	170. Eu e o meu companheiro(a) discordámos acerca de quanto dinheiro gastar, quando vamos a algum sítio	
	199. Eu e o meu companheiro(a) discordámos acerca de contar aos outros as coisas que acontecem entre nós	
	167. Eu e o meu companheiro(a) discordámos a respeito dos meus amigos e família	
	121. Eu e o meu companheiro(a) discordámos a respeito dos seus amigos e família	
	113. Eu e o meu companheiro(a) discordámos se é correcto dizer um outro que não estamos de acordo	
	152. Eu e o meu companheiro(a) discordámos acerca de quando ter ou não relações sexuais	

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

	56. Eu e o meu companheiro(a) discordámos quanto ao tipo de afectos a exibir em público
	108. Eu e o meu companheiro(a) discordámos acerca dos hábitos irritantes de cada um
	182. Eu e o meu companheiro(a) discordámos acerca de quanto tempo devemos passar juntos
	Domínio (DOM)
Autoridade	180. Algumas vezes tenho que lembrar ao meu companheiro(a) quem é que manda
	117. Geralmente tenho a última palavra quando eu e o meu companheiro(a) discordámos*
	107. É bom que o meu companheiro(a) tenha em mente que sou eu que mando
Depreciação	31. De uma forma geral, o meu companheiro é boa pessoa*
	21. Geralmente, as pessoas gostam do meu companheiro*
	18. O meu companheiro não tem senso suficiente para tomar decisões importantes
Restritivo	68. Tenho direito de saber tudo o que o meu companheiro(a) faz
	166. Insisto em saber onde está o meu companheiro(a) em todos os momentos
	140. Tenho o direito de me envolver em qualquer coisa que o meu companheiro(a) faça
	Ciúme (JEL)
Relacionado com a relação	88. Detestaria que o meu companheiro(a) confiasse em alguém além de mim
	146. Detestaria que o meu companheiro(a) prestasse muita atenção a alguém além de mim
	191. Detestaria que alguém prestasse muita atenção ao meu companheiro(a)
	156. Sentiria ciúme se o meu companheiro(a) fosse prestável com alguém do sexo oposto
Relacionado com a componente sexual	200. Ficaria furiosa(o) se o meu companheiro(a) "flirtasse" com outra pessoa
	190. Ficaria chateada(o) se alguém abraçasse o meu companheiro(a) por mais de tempo que o habitual
	151. Ficaria chateada(o) se o meu companheiro(a) abraçasse alguém por mais tempo que o habitual
Relacionado com o tempo	83. Sentir-me-ia enganado(a) se o meu companheiro(a) estivesse demasiado ocupado(a) para estar comigo
	Atribuição negativa (NA)
Atribuição negativa	49. O meu companheiro faz coisas só para me irritar
	101. O meu companheiro(a) gosta de me arrear
	110. Geralmente é culpa do meu companheiro(a) quando fico furiosa(o)

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

198 Compro- misso relacional	158. Quando o meu companheiro(a) é simpático(a) comigo, pergunto-me o que pretende
	Compromisso relacional (RC)
	- 55. Algumas vezes, tenho dúvidas se a relação com o meu companheiro(a) irá continuar*
	17. Eu desistiria de quase tudo pelo meu companheiro
	15. O relacionamento com o meu companheiro é a relação mais importante que eu tenho
	63. O casamento é para sempre
	104. Cuidar do meu companheiro(a) significa mais para mim do que cuidar de mim
	184. Tenho pensado em deixar o meu companheiro(a)*
	Mal-estar relacional (RD)
Mal-estar relacional	148. Gostaria que eu o meu companheiro(a) nos déssemos melhor, do que realmente nos damos um com o outro
	118. O meu companheiro(a) trata-me bem*
	193. Eu e o meu companheiro(a) temos um relacionamento muito bom
	132. A minha vida sexual com o meu companheiro(a) é boa
	194. Tenho uma vida social boa com o meu companheiro(a)
	127. A minha relação com o meu companheiro(a) merece o esforço que lhe dedico
	95. Tenho pensado seriamente em terminar a relação com o meu companheiro(a)
	181. Na minha relação com o meu companheiro(a) existem mais coisas más do que boas
Dimensões alternativas	RD01+ RD03R+ RD07R+ RD09
	RD02R+ RD04R+ RD05R+ RD10
	Desejabilidade Social (SD)
Desejabili- dade Social	154. Algumas vezes procuro vingar-me em vez de perdoar e esquecer*
	50. Já houve alturas em que me aproveitei de alguém*
	143. Já houve alturas em que senti muita inveja da sorte dos outros*
	125. Algumas vezes sinto-me ressentida(o) quando não levo a minha avante*
	80. Algumas vezes, fico irritado(a) com as pessoas que me pedem favores*
	165. Houve alturas em que senti vontade de ter actos de rebeldia contra as pessoas com autoridade, embora soubesse que elas estavam certas*
	174. Em algumas ocasiões, tenho desistido de fazer certas coisas por menosprezar as minhas capacidades*
	76. Nunca fico aborrecido quando as pessoas exprimem ideias muito diferentes das minhas

Tabela 1: Itens componentes do PRP por sub-escalas e dimensões (cont.)

102. Algumas vezes, é difícil avançar no meu trabalho se não sou encorajada
32. Sou sempre educado(a), mesmo com pessoas que são desagradáveis comigo
123. Estou sempre disposta a admitir quando cometo um erro
187. Nunca disse deliberadamente alguma coisa que magoasse os sentimentos de outrem
66. Não interessa com quem esteja a falar, sou sempre bom ouvinte

* Itens em sentido inverso

Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por jovens adultos estudantes universitários, frequentando uma de nove licenciaturas (à excepção da licenciatura em psicologia) do ensino universitário português, público ou privado.

Participaram neste estudo 551 sujeitos, dos quais 60% são do sexo feminino. Em termos do grau académico, a grande maioria (87%) encontra-se no 2º e 3º anos. A idade dos inquiridos está compreendida entre os 18 e os 40 anos estando a quase totalidade da amostra (88%) na faixa etária dos 19 aos 24 anos. O grau académico da mãe e do pai dos participantes é em grande parte da amostra inferior a 9 anos (72.6% dos pais e 76.4% das mães), uma considerável percentagem de pais e mães tem menos de 4 anos de escolaridade (43.3% dos pais, 44.6% das mães) e apenas um número reduzido completou estudos superiores (8.7% dos pais, 11.9% das mães). No que se refere ao rendimento familiar, a maioria dos indivíduos (38.0%) pertence à categoria dos 600-1200€ mensais, com menos que o salário mínimo nacional encontram-se 2.9% dos participantes, e apenas 3.1% da amostra apresenta um rendimento superior a 3000€ mensais. Para 85.9% os pais encontram-se casados entre si, e 58% dos inquiridos vive actualmente com os pais.

Com respeito à caracterização do relacionamento íntimo, verificámos 86% dos inquiridos referem que têm ou tiveram um relacionamento com duração superior a um mês no último ano, dos quais 60% apresentam um relacionamento com duração igual ou superior a 1 mês e 26% referem que 'embora neste momento não tenha, já teve um relacionamento que durou pelo menos um mês'; os restantes 14% referem que 'nunca teve um relacionamento que durasse pelo menos um mês'. Considerando a *duração* do relacionamento íntimo mais recente, para 42% a relação teve uma duração superior a dois anos, para 19% teve uma duração entre 1 e 2 anos, para 16% a duração está compreendida entre 6 e 12 meses, para 9% a duração compreende entre 3 e 5 meses, para 12% a duração é de 1 a 2 meses, e 3%

da amostra reporta uma relação com menos de 1 mês de duração. No momento de resposta ao questionário, 69% dos sujeitos referem que o relacionamento íntimo não terminou, contrariamente aos restantes 31% que terminaram a relação. Nesta última categoria de sujeitos, 3% referem que o relacionamento havia terminado há menos de 1 mês, 4% que tal aconteceu no último ou penúltimo mês, para 12% o relacionamento terminou há 3-12 meses atrás, e para 12% o relacionamento terminou há mais de 12 meses.

Quanto ao *tipo* de relacionamento mais recente, 85% dos participantes refere ter uma relação do tipo 'namoro', 8% dizem tratar-se de uma relação 'sem compromisso', 6% relatam estar casados e 1% 'a viver maritalmente'. Para a maioria dos participantes (73%) a relação envolve uma *componente sexual*, sendo em termos de género do companheiro, 62% é do sexo masculino e 38% é do sexo feminino, pelo 99% da amostra pertence à categoria heterossexual.

Análise dos dados

A computorização dos realizou-se com o programa estatístico SPSS 11.5.

A fidelidade da escala total e das sub-escalas determinou-se através do coeficiente de consistência interna.

As diferenças de médias de cada uma das sub-escalas considerando o género foram calculadas pelo teste de diferenças de médias para amostras independentes.

No sentido da obtenção dos coeficientes de regressão que constituem um método para os utilizadores de perfis clínicos do PRP ajustarem o valor bruto obtido nas sub-escalas ao resultado da sub-escala de desajabilidade social (Saunders, 1991), realizou-se a análise de regressão linear com a sub-escala de desajabilidade social separadamente para homens e mulheres.

A validade externa foi testada através da determinação para cada sub-escala do PRP da correlação de Pearson e correlação parcial controlando-se o valor de desajabilidade social, com o relato de abuso físico sem sequelas ao companheiro nos 12 meses precedentes³. Dado o número de correlações comparadas, a probabilidade de encontrar erradamente uma diferença significativa aumenta rapidamente com o número de variáveis analisadas em simultâneo, o que justifica a aplicação da correcção de Bonferroni⁴.

³ Os dados das CTS2 para homens indicam a presença de abuso homem-mulher e para as mulheres a presença de abuso mulher-homem.

⁴ Consiste em multiplicar o número de variáveis (21) pelo nível de significância associada a cada um delas (.05), tendo o valor .0024 para o intervalo de confiança de 95%.

Resultados

Fidelidade

Convencionou-se .70 como valor mínimo aceitável para a consistência interna. Contudo, dada a presença de um número reduzido de itens por sub-escala, os autores da versão original do PRP (Straus et al., 1999a) consideram *aceitável* um *alpha* entre .60 e .69, *boa fidelidade* entre .70-.79 e *elevada fidelidade* .80 ou superior (Straus & Mouradian, 1999, p.10).

Tabela 2: Coeficiente de consistência interna (alpha de Cronbach), média e desvio padrão para a amostra total (N=442), homens (N=170) e mulheres (N=272) (teste t para amostras independentes)

Sub-escala	Nº itens	α	Homens M(DP)	Mulheres M(DP)	Total M(DP)	t (gl)	p
AM	9	.56	26.6(3.0)	25.5(2.7)	25.9(2.8)	3.70 (411)	**⊙
ASP	9	.67	17.2(3.4)	15.1(2.9)	15.8(3.3)	6.8 (450)	**⊙
BOR	9	.69	18.0(3.1)	18.1(3.6)	18.0(3.4)	-.207 (408)	n.s.
CH	8	.75	12.1(3.3)	9.8(2.4)	10.6(2.9)	8.78(466)	**⊙
CON	9	.76	18.1(3.7)	16.9(3.9)	17.3(3.8)	2.72 (373)	*
CP	8	.50	16.4(2.4)	15.9(2.6)	16.1(2.5)	1.90 (412)	n.s.
DEP	8	.78	15.1(3.0)	15.8(3.6)	15.5(3.4)	-2.18 (476)	*
DOM	9	.63	17.8(2.4)	17.8(2.6)	17.8(2.6)	.109 (404)	n.s.
GH	10	.73	19.2(3.3)	19.8(3.6)	19.6(3.5)	-1.62 (446)	n.s.
JEL	8	.79	20.2(3.8)	20.4(4.0)	20.3(3.9)	-.560 (406)	n.s.
NA	4	.71	7.7(1.8)	7.3(2.0)	7.4(1.9)	2.03 (415)	*
NH	8	.70	13.5(3.2)	12.3(3.3)	12.7(3.3)	3.79 (459)	**⊙
PTS	8	.68	16.0(3.2)	17.2(3.3)	16.8(3.3)	-3.72 (454)	**⊙
RC	6	.71	16.8(3.2)	15.7(3.2)	16.1(3.2)	.324 (362)	**⊙
RD	8	.84	14.6(3.9)	14.4(4.5)	14.5(4.3)	.374 (343)	n.s.
SAH	8	.76	10.9(3.3)	9.9(2.9)	10.3(3.1)	3.18 (472)	**⊙
SD	13	.66	35.2(4.1)	35.8(4.2)	35.6(4.2)	-.883 (497)	n.s.
SIT	10	.63	30.6(4.1)	32.6(3.3)	31.9(3.8)	-5.70 (478)	**⊙
STR	9	.58	17.1(2.8)	16.3(2.9)	16.6(2.9)	2.60 (405)	*
SUB	8	.65	12.5(3.5)	10.9(2.7)	11.5(3.2)	5.22 (440)	**⊙
VAT	10	.70	21.6(4.0)	14.8(3.2)	19.7(4.0)	8.30 (425)	**⊙
VST	8	.68	18.5(3.6)	13.8(3.4)	14.2(3.3)	3.10 (483)	**⊙

*p<.05, ** p<.01, n.s.= não significativo do ponto de vista estatístico

⊙ valor com significado estatístico considerando a correção de Bonferroni (p<.0024), para o valor crítico de p<.05

Aplicando estes critérios, a maioria das sub-escalas são no mínimo adequadas para a nossa amostra (cf. tabela 2). O valor da consistência interna para a escala total é .90, sendo a média do coeficiente *alpha* para as 22 sub-escalas .70. Todavia,

atendendo à distribuição dos coeficientes *alpha* de Cronbach, a maioria das sub-escalas (77%) apresenta valores compreendidos entre .60 e .79, dos quais 31.8% apresenta o critério de .60 a .69 e 45.5% de .70 a .79, muito poucas são as sub-escalas que se encontram na categoria de baixa (18.2%) e de elevada fidelidade (4.5%).

Validade

Dado que a finalidade do PRP consiste em identificar a presença de características que estão associadas com o abuso no relacionamento íntimo com o companheiro, uma medida apropriada da validade do questionário consiste na correlação das sub-escalas do PRP com a escala de abuso físico sem sequelas das CTS2. Contudo, como foi previamente indicado a correlação do PRP com esta escala exige o controlo da desejabilidade social. Por conseguinte, foi efectuada uma correlação parcial controlando o resultado da sub-escala de desejabilidade social, como se pode analisar na tabela 3 (duas últimas colunas à direita).

Correlação com a sub-escala de desejabilidade social

A tabela 3 apresenta os valores da correlação de Pearson para as sub-escalas componentes do PRP com a sub-escala de desejabilidade social e a escala de abuso físico sem sequelas (CTS2). Mostra ainda o valor da correlação parcial das sub-escalas do PRP com a escala de abuso físico sem sequelas, controlando a desejabilidade social.

O valor das correlações da escala de abuso físico sem sequelas com as sub-escalas do PRP (sem controlo da desejabilidade social) obtém significado estatístico em 8 sub-escalas para os homens e 13 para as mulheres. Paradoxalmente, quando se controla a desejabilidade social, este número altera-se substancialmente para ambos os sexos: as duas últimas colunas da tabela 3 mostram que os valores das diferenças são estatisticamente significativos ($\alpha=.05$) em 5 das 21 correlações parciais para os homens e em apenas 3 para as mulheres.

Seguindo as recomendações dos autores já enunciadas, utilizámos os seguintes critérios para avaliar as correlações das sub-escalas substantivas do PRP com a sub-escala de desejabilidade social: *as correlações com valor igual ou inferior a .19 indicam uma ameaça mínima à validade das sub-escalas do PRP, os valores compreendidos entre .20 a .29 constituem uma ameaça moderada, e os valores superiores a .30 são considerados como uma ameaça severa à validade* (Straus & Mouradian, 1999, p.11).

Assim, a análise das correlações indica que para a maioria das sub-escalas, tanto para homens como para mulheres, a desejabilidade social representa uma ame-

aça moderada a severa à validade, a qual deverá ser controlada para evitar interpretações errôneas em termos dos resultados.

Tabela 3: Correlação de Pearson para as sub-escalas do PRP com a desejabilidade social, e abuso físico sem sequelas (CTS2). Correlações parciais considerando a desejabilidade social e abuso físico sem sequelas, atendendo ao gênero (N=170 homens, N=272 mulheres)

Sub-escala	Desejabilidade social (PRP)		Abuso físico sem sequelas (CTS2)		Correlação parcial com o abuso físico sem sequelas	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
AM	.226**	.273**	-.305**	-.220**	-.376**	-.212*
ASP	-.535** ©	-.407**	.086	.107	.126	-.017
BOR	-.466**	-.416**	.206*	.193**	.331**	.160
CH	-.392**	-.371**	.030	.092	-.072	-.036
CON	-.404**	-.370**	.315**	.191**	.313**	.136
CP	-.293**	-.362**	.172	.174**	.207	.134
DEP	-.244**	-.325**	.130	.166**	.064	.170*
DOM	-.320**	-.176**	.023	.037	-.034	.058
GH	-.275**	-.281**	.139	.179**	.265*	.076
JEL	-.322**	-.179**	.180*	.092	.064	.053
NA	-.273**	-.227**	.285**	.124*	.350**	.093
NH	-.238**	-.236**	.114	.086	.058	.010
PTS	-.357**	-.283**	.202*	.206**	.201	.209*
RC	.207*	.169**	-.048	-.045	-.073	.020
RD	-.249**	-.230**	.180	.137*	.196	.060
SAH	-.292**	-.245**	.231**	.125*	.222	.017
SIT	.353**	.348**	-.087	-.204**	-.073	-.106
STR	-.407**	-.372**	.221*	.167**	.185	.123
SUB	-.310**	-.118	.060	.090	.063	.140
VAT	-.376**	-.223**	.016	.089	-.077	.055
VST	-.356**	-.219**	.061	.238**	.041	.159

**p<.01 e *p<.05 sem o ajustamento de Bonferroni para o número de correlações. Com o ajustamento, nenhuma das correlações parciais é significativa para os homens e para as mulheres

© correlação significativa com o ajustamento de Bonferroni (p<.0024)

Dados psicométricos para cada sub-escala

Critérios avaliativos de cada sub-escala

Como critérios de avaliação da validade de cada sub-escala do PRP serão aplicados os limites de fidelidade estipulados pelos autores já referidos (*adequado, bom e elevado*), e as normas de ameaça à validade, através das correlações com a sub-escala de desejabilidade social (*mínima, moderada e severa*). Para as correlações

do PRP com a escala de abuso físico sem sequelas, identificamos correlações que encontram o nível de significância .05 em número superior àquele que se encontra quando se controla o critério de correção de Bonferroni de .0024, como se pode observar na tabela 3 (ambas as formas são apresentadas na tabela 3, salvaguardando a interpretação dos dados)⁵.

Cotação e normas

Diferenças de género

Não existe consenso entre os investigadores quanto à existência de diferenças de género para o abuso físico sem sequelas (e.g., Hines & Saudino, 2003; Magdol, Moffitt, Caspi, & Newman, 1997; Paiva & Figueiredo, 2004, 2005; Rennison & Welchans, 2000; Straus et al., 2002, 2004, Straus, 2005).

Muito menos se sabe acerca dos factores determinantes da ocorrência de abuso sobre o companheiro considerando o género do perpetrador. O presente artigo apresenta as diferenças de género relativamente à média de cada um dos componentes do PRP (cf. tabela 2), e em termos da correlação com o abuso físico sem sequelas (cf. tabela 3).

A tabela 2 mostra que atendendo ao género existem diferenças de média estatisticamente significativas ($p < .05$) em 15 das 21 sub-escalas substantivas (71.4%) do PRP. Dado o elevado número de médias comparadas foi calculado o ajustamento *family-wise* de Bonferroni para o valor de p : entre as 21 diferenças de género 11 encontram este critério (52.4%).

Normas

Para avaliar um determinado resultado o examinador poderá comparar com a média encontrada para homens e mulheres. Os desvios padrões permitem a identificação dos sujeitos com valores muito elevados ou reduzidos. Uma vez que ainda não foram determinados valores clínicos ou pontos de corte, poderá usar um desvio padrão da média ou mais como indicador de que a característica alvo merece ser foco de investigação posterior ou atenção clínica.

Cotação com ajustamento para a sub-escala de desejabilidade social

O PRP é cotado através da soma dos itens de cada sub-escala, após reverter aqueles que estão ordenados em sentido contrário, como forma de controlar o agrupamento de respostas (Straus et al., 1999a). Para corrigir o enviesamento associado

⁵ Porque este artigo se destina a determinar as características psicométricas do PRP acreditamos que uso de um *alpha* de Bonferroni de .0024 possa pôr em risco o erro tipo II que pensamos ser mais apropriado.

à desejabilidade social, os resultados das sub-escalas foram calculados através do método recomendado por Saunders (1991). A tabela 4 mostra os coeficientes de ajustamento⁶ para cada uma das sub-escalas substantivas, que deverão ser utilizados com base na seguinte fórmula para ajustar os scores:

Score ajustado de X = Σ total da sub-escala X - (coeficiente ajustado de X * score SD)

Por exemplo, para o score total obtido por um sujeito na sub-escala de controlo da raiva (AM=18) e desejabilidade social (SD=20) a aplicação da fórmula é 18 - (.157*20)=14.86 como score ajustado para a sub-escala AM⁷.

Tabela 4. Coeficientes para ajustar as sub-escalas do PRP à correlação com a desejabilidade social (N=170 homens, N=272 mulheres)

Sub-escala do PRP	Homens	Mulheres	Total
AM	.171	.174	.157
ASP	-.453	-.280	-.349
BOR	-.360	-.353	-.353
CH	-.311	-.203	-.263
CON	-.378	-.334	-.351
CP	-.175	-.220	-.208
DEP	-.177	-.273	-.232
DOM	-.189	-.107	-.130
GH	-.223	-.238	-.229
JEL	-.301	-.167	-.200
NA	-.123	-.104	-.114
NH	-.185	-.185	-.192
PTS	-.274	-.220	-.234
RC	.168	.123	.130
RD	-.243	-.242	-.244
SAH	-.235	-.168	-.198
SIT	.359	.278	.318
STR	-.294	-.245	-.262
SUB	-.261	-.076	-.158
VAT	-.364	-.186	-.268
VST	-.274	-.173	-.217

*coeficiente de regressão não estandardizado para a regressão de cada escala substantiva do PRP com a escala de desejabilidade social

6 São os coeficientes de regressão não estandardizados baseados na regressão de cada sub-escala do PRP e na sub-escala de desejabilidade social.

7 Note-se que, quando a correlação com a sub-escala de desejabilidade social é elevada, a extrapolação linear pode resultar num valor ajustado que excede o valor máximo.

Discussão

A investigação no âmbito da violência conjugal tem sido exequível pelo desenvolvimento de instrumentos estandardizados que identifiquem vítimas e ofensores, como por exemplo as *Revised Conflict Tactics Scales* (Straus et al., 1996; Figueiredo & Paiva, 2006; Paiva & Figueiredo, 2006).

Escasso tem sido, o desenvolvimento de instrumentos que facilitem o planeamento de intervenções terapêuticas e, a investigação sobre a etiologia do abuso no relacionamento com o companheiro. Tais factos originam por parte dos terapeutas, carências a respeito de metodologia de diagnóstico, ou seja, obter informação a respeito das características e *background* do cliente/ofensor e da relação que alerte para formas de ajustamento do plano de tratamento às características do caso, de uma forma conveniente e breve, e por outro lado, a inexistência de instrumentos de avaliação sucintos sobre os factores determinantes da violência conjugal, que dificulta a investigação neste âmbito. O PRP providencia 21 sub-escalas subjacentes a um quadro teórico e empírico associado à etiologia do abuso no relacionamento íntimo, que permite responder a essa necessidade tanto no campo prático como teórico.

Os resultados que apresentámos no presente artigo baseiam-se em relatos de estudantes universitários, à semelhança dos autores da versão original (Straus & Mouradian, 1999), e estão em conformidade com os procedimentos e medidas de critério adoptadas (CTS2 e questionário sócio-demográfico) pelos seus autores. Tendo por base a definição de factor de risco apresentada por Straus e Ramirez (2001), foi determinada a relação dos diferentes factores (sub-escalas do PRP) com o abuso físico sem sequelas (CTS2), e controladas as suas possíveis fontes de erro associadas à deseabilidade social. Contudo, não é demais salientar que, tratando-se de um estudo transversal os dados não privilegiam o factor temporal incluídos nessa definição (Kleinbaum, Kupper, & Morgenstern, 1982).

Características psicométricas: Fidelidade e validade

Considerando a brevidade e redução do número de itens componentes de cada sub-escala, a grande maioria das 21 sub-escalas do PRP situa-se para além do critério mínimo de consistência interna (.60-.69) ponderado pelos autores, de entre as quais: mais de metade (11 sub-escalas) apresenta o que se considera de boa fidelidade (igual ou superior a .70), apenas 3 no limiar de aceitabilidade (valores inferiores a .60), e as restantes distribuídas no intervalo entre .60 e .69. Das três sub-escalas com valores de fidelidade reduzidos (problemas de comunicação, controlo da raiva e condições stressantes) tal pode dever-se à raridade do fenómeno em análise, atendendo a que se trata de uma amostra normativa, tendo contudo repercussões no valor da consistência interna, acrescido do facto de as sub-escalas serem compostas por menos de 10 itens o que igualmente interfere com o

valor do *alpha*. Não obstante, a exclusão destas sub-escalas não nos parece conveniente, por abrangerem construtos chave para a temática da violência conjugal, apesar de na amostra em estudo não serem as mais bem representadas. A análise comparativa com o estudo de validação da escala original, denota igualmente valores de consistência interna inferiores para estas sub-escalas comparativamente às restantes, alertando-nos para a sua valência em termos de construto.

A *validade de construto* do questionário PRP é testemunhada pelo facto de a maioria das sub-escalas diferenciar significativamente entre homens e mulheres, e essas diferenças serem consistentes com a investigação anterior (Straus et al., 2004; Straus, 2005).

Com respeito à *validade de critério*, considerando a desejabilidade social, observámos valores de correlação moderados/ elevados que ameaçam a validade das sub-escalas. Por conseguinte, parece-nos conveniente que se efectue o ajustamento das sub-escalas com base no valor da desejabilidade social consoante os coeficientes estandardizados e da fórmula anteriormente apresentada. Em termos de género, a escala não só permite diferenciar *scores* diferentes para cada um dos sexos como também o seu padrão de correlação com a escala de abuso físico sem sequelas: para os homens 13/21 sub-escalas encontram valores de correlações estatisticamente significativos e para as mulheres apenas 8/21. Acrescente-se que esse número diminui quando se controla a desejabilidade social (para homens apenas 5/21 e para as mulheres 3/21). Esta evidência sugere que o PRP pode ser mais válido para homens que para mulheres, o que é semelhante aos resultados obtidos com estudantes americanos (Straus & Mouradian, 1999), e em termos práticos poderá auxiliar na intervenção com agressores que são maioritariamente do sexo masculino. Este resultado alerta também para a investigação de um aspecto importante e negligenciado no âmbito desta temática, a extensão na qual a etiologia da violência conjugal é diferente consoante o género.

Limitações e cuidados

Apesar de os resultados baseados nesta amostra serem promissores, mesmo que tratando-se de uma amostra normativa, a aplicação do PRP como um instrumento clínico deve atender ao seguinte:

1. Não é conhecida a extensão na qual os resultados obtidos numa amostra de jovens universitários são aplicáveis a populações com mais idade, nível sócio-económico diferente e especialmente em populações clínicas.
2. Mesmo com dados normativos adicionais, o uso clínico do PRP apenas fornece um despiste inicial; de particular relevância emergem as sub-escalas derivadas do DSM-IV como as sub-escalas de personalidade anti-social e borderline, compostas por um número reduzido de itens, e sem propósito de constituir um diagnóstico

formal, representando a sua elevação indicadores para investigação mais aprofundada e não um perfil clínico. Para além disso, apesar de o formato e modo de administração do PRP serem relativamente simples, muitos dos construtos avaliados (como a *personalidade borderline*) são complexos e requerem treino especializado no que se refere à compreensão dos mecanismos que tornam cada construto relevantes para a temática do abuso.

3. Os resultados do PRP e da escala de abuso físico sem sequelas, apesar de estatisticamente significativos devem ser cautelosamente interpretados, dado o elevado número de correlações em análise, com base no ajustamento de Bonferroni.

4. Como advertência é recomendável que nesta altura do conhecimento, o PRP não seja utilizado para a tomada de decisões quanto ao prognóstico, mas como perfil de áreas problema e/ou indicadores possíveis de intervenção. Mesmo com desenvolvimento futuro, o PRP não deverá ser utilizado para prever a probabilidade de re-ofender.

Implicações e recomendações

Este artigo relata as principais características psicométricas da versão portuguesa das sub-escalas do PRP. Apesar de documentar progressos significativos no seu desenvolvimento algumas recomendações para o futuro emergem, mais proeminentes são: a) obter dados em amostras na comunidade e amostras de respondentes com disfunção marital; b) re-teste após um curto intervalo de tempo para avaliar a fidelidade teste re-teste; c) estimar a validade concorrente através da administração do PRP com outras medidas por si avaliadas; d) desenvolver pontos de corte clínicos para identificar o limiar mínimo em programas de tratamento.

O uso do PRP é adequado para aplicação na investigação, uma vez que: a) os construtos por si avaliados foram seleccionados com base na evidência de estudos anteriores que indicam a relação com o abuso físico sem sequelas; b) mostra evidência de boa consistência interna para a maioria das sub-escalas; c) apesar de os estudantes terem uma redução em muitas das sub-escalas do PRP, num intervalo de confiança a 95% suporta-se a validade para 71% das sub-escalas. Com efeito, algumas sub-escalas mesmo que atingindo significado estatístico têm valores de correlação reduzidos, e outras obtêm correlações significativas apenas para um dos sexos, e usando o critério de ajustamento de Bonferroni ($p > .0024$) apenas 3 sub-escalas perfazem o limiar de significância estatística; d) uma última razão para o uso empírico do PRP prende-se com a inexistência de uma sub-escala alternativa, com igual abrangência de construtos, e desenhada para o uso com ofensores no âmbito do abuso no relacionamento íntimo.

Assente nas quatro considerações referidas, e apesar da sua natureza preliminar, a utilidade do PRP é inquestionável tanto para a investigação no âmbito das teorias

da violência conjugal, como para a investigação aplicada, como seja a avaliação de programas de tratamento.

Os investigadores e práticos que tratam da temática da violência conjugal, têm à sua disposição a versão portuguesa do questionário PRP, uma ferramenta válida para determinação dos principais factores associados ao abuso e sua monitorização.

Bibliografia

- Aldorondo, E., & Straus, M. A. (1994). Screening for physical violence in couples therapy: Methodological, practical, and ethical considerations. *Family Process*, 33, 425-439
- Bowker, L. H. (1993). A battered woman's problems are social, not psychological. In R. J. Gelles & D. R. Loseke (Eds.), *Current controversies on family violence* (pp.154-165). Newbury Park, CA: Sage
- Dobash, R. E., & Dobash, R. P. (1979). *Violence against wives: A case against patriarchy*. New York: Free Press.
- Dutton, D. (1995). A scale for measuring propensity for abusiveness. *Journal of Family Violence*, 10, 203-221
- Dutton, D. G. (1998). *The abusive personality: Violence and control in intimate relationships*. New York: The Guilford Press
- Figueiredo, B. & Paiva, C. (2006). Versão portuguesa das "Revised Conflict Tactics Scales". In M. Simões, L. Almeida, C. Machado, & M. Gonçalves (Eds.), *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa (in press)*
- Gelles, R. J. (1983). An exchange social control theory. In D. Finkelhor, R. J. Gelles, G.T. Hotaling, & M. A. Straus (Eds.), *The dark side of families: Current family violence research*. Newbury Park, CA: Sage
- Gottman, J. M., Jacobson, N. S., Rushe, R. H., Shortt, J. W., Babcock, J., La Taillade, Waltz, J. J. (1995). The relationship between heart rate reactivity, emotionally aggressive behaviour, and general violence in barterers. *Journal of Family Psychology*, 9, 227-248
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the Revised Conflict Tactics Scales. *Violence & Victims*, 18, 197-217
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., & Stuart, G. L. (1999). A typology of male batterers: An initial evaluation. In X. B. Arriaga & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks: Sage
- Kleinbaum, D. G., Kupper, L. L., & Morgenstern, H. (1982). *Epidemiologic research: principles and quantitative methods*. Belmont, CA: Wadsworth
- Kropp, P. R., & Hart, S. D. (1997). Assessing risk of violence in wife assaulters: The spousal assault risk assessment guide. In C. D. Webster & M. A. Jackson (Eds.), *Impulsivity: Theory, assessment and treatment* (pp.302-325). NY: Guilford
- Magdol, L., Moffitt, T., Caspi, A., & Newman, D. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21 year olds. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78
- O'Leary, K. D. (1993). Through a psychological lens: Personality traits, personality disorders, and levels of violence. R. J. Gelles & D. R. Loseke (Eds.), *Current controversies on*

family violence (pp.7-30). London: Sage

- Pagelow, M. D. (1984). *Family Violence*. New York: Praeger
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psicologica*, 36, 75-107
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo em jovens adultos e percepção do estado de saúde. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2006). Abuso no relacionamento íntimo em jovens adultos e percepção do estado de saúde. *Psicologia: Teoria e Prática (in press)*
- Rennison, C., & Welchans, S. (2000). *Intimate Partner Violence*. Bureau of Justice Statistics, Special report, U.S. Department of Justice, May
- Renzetti, C. (1994). On dancing with a bear: reflections on some of the current debates among domestic violence theorists. *Violence and Victims*, 9, 195-200
- Reynolds, W. M. (1982). Development of reliable and valid short forms of Marlowe-Crowne social desirability scale. *Journal of Clinical Psychology*, 38, 119-125
- Saunders, D. G. (1991). Procedures for adjusting self-reports of violence for social desirability bias. *Journal of Interpersonal Violence*, 6, 336-344
- Snell, J. E., Rosenwald, R. J., & Robey, A. (1964). A wife-beater's wife. *Archives of General Psychiatry*, 11, 107-112
- Stets, J. E. (1992). Interactive processes in dating aggression: A National study. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 165-177
- Straus, M. A. (1973). A general systems theory approach to a theory of violence between family members. *Social Science Information*, 12, 105-125
- Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2001). Grant application for international Dating violence study. <http://pubpages.unh.edu/~mas2/>
- Straus, M. A. & Gelles, R. J. (1990). *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishing
- Straus, M. A. (2005). Cross-cultural reliability and validity of the Revised Conflict Tactics Scales: A study of university student dating couples in 17 nations. *Cross Cultural Research*, 38, 407-432
- Straus, M. A., & Mouradian, V. E. (1999). *Preliminary psychometric data for the personal and relationships profile (PRP): A multi-scale tool for clinical screening and research on partner violence*. Paper presented at the American Society of Criminology, Toronto, Canada
- Straus, M. A., Aldrich, T., Alvarez, S. D., Atan, A., et al. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 1-24
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors: Violence in the American family*. NY: Anchor Press
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316
- Straus, M. A., Hamby, S., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1999a). *The Personal and Relationships Profile (PRP)*. Family Research Laboratory, Unpublished manuscript. Durham: NH
- Straus, M. A., Aldrich, T., Borochowitz, D. Y., Brownridge, D. A., Chan, E. L., Figueiredo, B. et al. (2002). *Physical and sexual assault on dating partners by university students in nine*

countries. Paper presented at the meeting of the European Society of Criminology. Toledo, Spain

- Sugarman, D. B., & Hotaling, G. T. (1989). Dating Violence: Prevalence, context, and risk markers. In A. A. Pirog-Good & J. E. Stets (Eds.), *Current controversies on family violence* (pp.133-153). Newbury Park, CA: Sage
- Walker, L. E. (1993). The battered woman syndrome is a psychological consequence of abuse. In R. J. Gelles & D.R. Loseke (Eds.), *Current controversies on family violence* (pp.133-153). Newbury Park, CA: Sage
- Yllo, K., & Bogard, M. (1988). *Feminist perspectives on wife abuse*. Newbury Park, CA: Sage

Facteurs de risques à l'origine de situations d'abus dans la relation intime : Etude de LA validation de la version portugaise du questionnaire "Personal and Relationships Profile"

Cet article présente l'étude des caractéristiques psychométriques de la version portugaise du questionnaire «Personal and Relationships Profile» (PRP, Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1999). Cet instrument a pour but d'évaluer les principaux facteurs associés aux situations d'abus dans la relation entre partenaires; il intègre 21 échelles substantives et une sous-échelle de désirabilité sociale. 551 étudiants universitaires (60,3% du sexe féminin), en majorité âgés entre 19 et 25 ans et ayant une relation amoureuse, ont participé à cette étude.

Le questionnaire présente une consistance interne élevée ($\alpha=.90$), et les sous-échelles obtiennent des valeurs d'alpha de Cronbach comprises entre .50 et .84. La validation externe des échelles PRP se confirme, étant donné qu'un grand nombre des sous-échelles du PRP présente une corrélation élevée avec l'échelle des abus physiques sans séquelles (CTS2). Les résultats obtenus démontrent la validité de la version portugaise du questionnaire PRP. Ainsi, les chercheurs et les praticiens, dans le domaine des relations conjugales, ont à leur disposition un instrument de triage, d'orientation et d'approfondissement des démarches d'intervention spécifiques dans le traitement et/ou dans la recherche des principaux facteurs associés à la violence conjugale.

MOTS-CLÉS: validation; Personal and Relationships Profile; version portugaise.

Risk factors associated to abuse in close relationships: Validation study of the Portuguese version of the "Personal and Relationships Profile" questionnaire

The present article reports the psychometric study of the «Personal and Relationships Profile» questionnaire Portuguese version (PRP, Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1999); an instrument aimed to evaluate the main factors related with the occurrence of abuse in a relationship with a partner; it includes 21 substantive scales and a social desirability scale.

The participants of the study were 551 undergraduate students (60.3% females), with preponderant ages between 19 and 25 years old, and in a dating relationship.

The questionnaire shows good internal consistency ($\alpha=.90$), and the sub-scales' Cronbach alpha ranged between .50 and .84. The external validity is also confirmed as a high number of PRP sub-scales were significantly correlated with assault (CTS2).

This investigation confirms the validity of the PRP Portuguese version, providing researchers and practitioners in the field of marital relationships with a screening instrument to detect and guide action plans in treatment and/or research of the main factors associated with abuse in intimate relationships.

KEYWORDS: validation; Personal and Relationships Profile; portuguese version.